
Dez anos do movimento *Black Lives Matter* no Jornal da Globo¹

Larissa Caldeira de FRAGA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Esta pesquisa analisa os dez anos do Movimento *Black Lives Matter* no Jornal da Globo, da Rede Globo. Através de uma Análise de Conteúdo, foram analisadas as reportagens sobre a violência policial durante a primeira década do movimento no Brasil e na cobertura internacional do noticiário. O objetivo é apresentar as rupturas e continuidades na cobertura sobre morte de pessoas negras por policiais a partir do surgimento do movimento e as suas implicações nas práticas profissionais dos jornalistas e a produção de conteúdo sobre o tema. Entre 2013 e 2023, as percepções sobre a temática e sobre a desigualdade social e racial enfrentada no país influenciaram na abordagem e enquadramento das reportagens sobre esses crimes.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; violência policial; Jornal da Globo; *Black Lives Matter*.

Telejornalismo e o Movimento Black Lives Matter

O movimento Black Lives Matter (BLV) foi marcado, em 2020, pelas maiores manifestações antirracistas dos Estados Unidos desde o assassinato de Martin Luther King Jr., na década de 1960. A morte de George Floyd, pela violência policial, promoveu uma onda de protestos em todo o mundo, mas esse não foi o início da mobilização social. Em 2013, após o julgamento e absolvição de George Zimmerman, um vigilante voluntário, pela morte a tiros de Trayvon Martin, de 17 anos, na Flórida, foi criada nas redes sociais a hashtag #blacklivesmatter (Lebron, 2017).

A mobilização foi criada por três mulheres da comunidade negra: Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi. Após a publicação da frase no Facebook "Nossas vidas importam", Alicia Garza recebeu como resposta de Patrisse Cullors uma declaração com a hashtag Black Lives Matter. Organizadas nas redes sociais, as manifestações chegaram às ruas e mobilizaram a imprensa internacional. O ponto alto das manifestações foi durante a pandemia do novo coronavírus em 2020, com a morte de

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora de Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. e-mail: larissacfraga@gmail.com

George Floyd nos Estados Unidos, gerando uma onda de protestos em todo mundo, incluindo Londres, Paris e em cidades brasileiras.

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2023, 6.429 pessoas foram mortas em intervenções policiais no Brasil, 17 por dia, desses 91,4% eram do sexo masculino e 76,9% eram negras. A percepção de que as vítimas da violência policial tinham cor e classe social só foi amplamente atingida pela luta do movimento negro e pela mobilização social.

O objetivo deste trabalho é analisar (Bardin, 2009) as reportagens sobre a violência policial durante a primeira década do BLM no Brasil e na cobertura internacional do noticiário. O objetivo é apresentar as rupturas e continuidades na cobertura sobre morte de pessoas negras por policiais a partir do surgimento do movimento e as suas implicações nas práticas profissionais dos jornalistas e a produção de conteúdo sobre o tema.

O Jornal da Globo existe há mais de 40 anos. A primeira versão foi ao ar em 02 de abril de 1979, editado por Fabbio Perez e apresentado por Sérgio Chapelin, e exibido até 06 de março de 1981. A edição atual estreou em 02 de agosto de 1982. O telejornal é o último da programação, exibido de segunda a sexta-feira, e fica marcado “pela sua diversidade de gêneros, conciliando reportagens, análises, séries e entrevistas ao vivo. O noticiário internacional era apresentado de Londres e Nova York pelos correspondentes da emissora”. Esse espaço dedicado à cobertura de temas internacionais e discussão, com um tempo maior para aprofundamento de temas sobre os Estados Unidos foi o que levou à escolha deste programa jornalístico.

No início do movimento BLM, o telejornal abordava as mortes pela polícia como casos isolados, sem apontar uma relação entre eles, e a raça das vítimas não era mencionada no texto das reportagens. Os jornalistas, ao contarem uma história, utilizam óculos (Bourdieu, 1997) e através de suas lentes enxergam alguns aspectos da realidade, muitas vezes sem desvelar as diferentes camadas que compõem um fato, realizando uma seleção do que será mostrado ou não em uma reportagem, apresentando diferentes enfoques.

Desejaria dirigir-me para coisas ligeiramente menos visíveis mostrando como a televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se

fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (BOURDIEU, 1997, p.21)

A morte é um valor-notícia essencial apresentado nas telas na televisão, computadores e smartphones. "Onde há morte, há jornalistas" (TRAQUINA, 2013, p. 76). Principalmente, quando a morte é provocada por profissionais que deveriam proteger a população e controlar a violência. Esse critério de noticiabilidade também é combinado com outros valores-notícia como a notoriedade, o conhecimento que se tem da vítima, a proximidade do local onde ocorre o fato e a infração, que explica a importância do crime como notícia.

A cobertura do movimento durante esses dez anos no telejornal acompanhou as mudanças na abordagem dessas reportagens. Características raciais e de gênero que antes faziam parte das matérias de forma implícita, através das fotos das vítimas, agora integram os títulos das reportagens. Nos primeiros anos, entre 2013-2014, eram destacadas nas reportagens informações como a profissão das vítimas e o local onde viviam, como anunciado na morte de grande repercussão do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza. "O protesto tinha várias reivindicações, entre elas, a investigação sobre o desaparecimento de Amarildo de Souza, morador da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, que sumiu depois de ser levado por policiais para uma averiguação" (JORNAL DA GLOBO³, 02 de agosto de 2013).

É possível perceber as rupturas na forma de noticiar, na veiculação de informações apresentadas no telejornal, como no texto da cabeça apresentada⁴ por Renata Lo Prete, em julho de 2020. "A Corregedoria da Polícia Militar de São Paulo apura a conduta de dois PMs que aparecem em um vídeo agredindo uma mulher negra, cena registrada em vídeo" (JORNAL DA GLOBO, 13 de julho de 2020). A raça e o gênero das vítimas passam a ser evidenciados nas matérias.

No início, as mortes de pessoas negras pela violência policial eram tratadas como fatos isolados, sem apresentar um padrão de conduta e conexão entre os casos. E ao longo do tempo, com a maior divulgação do BLM, o conteúdo do telejornal

³ Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2730892/>. Acesso em 28 de junho de 2024.

⁴ Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8695890/>. Acesso em 28 de junho de 2024.

evidenciava uma série de acontecimentos que foram encadeados e demonstrava que havia uma má conduta policial de forma estrutural, gerada pelo racismo, como divulgado nesta nota coberta⁵ apresentada por Renata Lo Prete no Jornal da Globo após a morte de George Floyd, em 2020.

Cabeça (Renata Lo Prete) - George Floyd entrou para uma lista de mulheres e homens negros que morreram nas mãos de policiais brancos nos Estados Unidos e que, invariavelmente, ficaram impunes. A gente vai lembrar alguns casos, que tiveram grande repercussão. Em 1991, em Los Angeles, quatro policiais, três deles brancos, bateram mais de 50 vezes em Rodney King. A absolvição dos quatro, um ano depois, levou a população a protestar violentamente por cinco dias. Em 2001, em Cincinnati, Timothy Thomas, de 19 anos, foi perseguido e morto a tiros, sem estar armado, e quando estava encurralado em um beco, ele fugiu de uma batida policial porque tinha 12 multas vencidas e não pagas. O policial foi julgado por homicídio e por negligência e absolvido. Em 2009, de novo, na Califórnia, dessa vez em Oakland, Oscar Grant, de 22 anos, se envolveu em uma briga e foi detido quando ia pra casa de ônibus, enquanto um segurança mantinha Oscar deitado, de cara no chão, outro atirou no jovem, que acabou morrendo. O atirador foi condenado por morte involuntária e pegou dois anos de pena. Em 2012, o adolescente Trayvon Martin foi baleado e morto andando para casa porque um vigia do bairro da cidade de Sanford, na Flórida, o considerou suspeito. O homem foi inocentado por um júri composto quase todo composto por brancos. E foi aí que o movimento *Black Lives Matter* nasceu e se espalhou pela internet. O pedido para que um policial parasse de asfixiá-lo, feito agora por George Floyd, foi feito com as mesmas palavras por Eric Garner, em Nova York, seis anos atrás. Ele também foi sufocado até a morte. O grande júri do condado Richmond decidiu não denunciar o policial responsável. Em novembro de 2014, Tamir Rice, de 12 anos, foi morto pela polícia quando brincava com uma arma de brinquedo pelo playground perto de sua casa, em Cleveland. A promotora não viu motivo para processar os policiais. No ano seguinte, em Baltimore, Freddie Gray Jr, de 25 anos, entrou andando em uma van da polícia e saiu dela em coma. Morreu uma semana depois e os policiais receberam suspensões com pagamento (Jornal da Globo - 01 de junho 2020)

Apesar de noticiar casos de violência policial e de manifestações do BLM, o apresentador do Jornal da Globo, de 2005 a 2015, William Waack, cometeu um ato de racismo, que resultou na demissão do jornalista. Em 2017, foi divulgado na internet um vídeo⁶ no qual Waack fala para um comentarista, ao ouvir barulho de buzina vindo da

⁵ Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8595779/>. Acesso em 28 de junho de 2024.

⁶ You Tube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=WR2CcTWeM_A. Acesso 28 de junho de 2024.

rua: “Tá buzinando por quê? Deve ser um... Não vou nem falar de quem... Eu sei quem é...Sabe o que é? (pergunta ao comentarista ao seu lado) É preto, né? É coisa de preto mesmo, né? Com certeza” e sorri. O diálogo foi gravado em estúdio (em Washington), antes do jornal iniciar a transmissão. Primeiramente, o profissional foi afastado e sem seguida foi desligado da empresa. A TV Globo fez um comunicado afirmando que não compactua com atitudes preconceituosas. O vídeo teria sido divulgado por um ex-funcionário da emissora, militante da causa negra.

A partir da análise das reportagens, é possível inferir que a cobertura do movimento Black Lives Matter impulsionou a divulgação de notícias sobre a violência policial no Brasil e na cobertura internacional. Ao longo de uma década, a abordagem das reportagens foi alterada, dando maior ênfase à raça das vítimas e apresentando conexões entre os fatos, evidenciando um conjunto de práticas relacionadas ao racismo. Todos os casos de violência policial noticiados partiram de mobilizações sociais. Os protestos alavancaram a cobertura da mídia e deram visibilidade aos casos. A cobertura das mortes causadas pela violência policial repercute a necessidade por justiça social no país e o combate ao racismo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L.. **Análise de Conteúdo**. 5ª edição. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias**. A interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.
- FRAGA, L. C.. **O Imaginário sobre os Estados Unidos no Telejornalismo**: O Poder pelas armas e o racismo nos governos Barack Obama e Donald Trump no Jornal da Globo. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2021.
- GARZA, A. **The purpose of power**. How we come together when we fall apart. Nova Iorque: One World, 2020.
- KHAN-CULLORS, P.; BANDELE, A. **When They Call You a Terrorist**. A Story of Black Lives Matter and the Power to Change the World. Nova Iorque: St. Martin's Publishing Group, 2020.
- LEBRON, C. J. **The making of Black Lives Matter**. A Brief History of an idea. Nova Iorque: Oxford Press, 2017.

OLIVEIRA, C. L. P.; MITCHELL- WALTHOUR, G. L.; MORRISON, M. K. C (orgs.). **Black Lives Matter in Latin America**. Cham: Palgrave Macmillan, 2024.

TAYLOR, K. **From #Blacklivesmatter to Black Liberation**. Chicago: Haymarket Books, 2014.

TRAQUINA, N.. **Teorias do Jornalismo**. Volume II. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2013.